



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

**AS INSTITUIÇÕES MEMORIAIS COMO UNIDADES DE
INFORMAÇÃO: UM ESTUDO DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA UFMG**

***THE MEMORIALS INSTITUTIONS AS UNITS OF INFORMATION: A STUDY OF
UFMG MEMORY CENTERS***

Clausi Maria do Porto Gomes¹, Renato Pinto Venâncio²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, documental, consulta a *sites*, *folders*, documentos diversos e visitas aos centros de memória da UFMG, apresenta um apanhado teórico sobre a evolução do conceito de informação para a Ciência da Informação, bem como a análise de como os centros de memória da UFMG tratam este conceito e se estão levando em conta aspectos como função social da informação e impactos culturais em seu trabalho no dia a dia. Questiona-se, também, se os centros de memória da UFMG são realmente centros de memória em sua concepção e aplicação e conclui-se que: (i) há uma particularização das experiências dos centros de memória e essa particularização pode ser resultado de uma ausência de política institucional para os referidos centros; e (ii) poucos centros de memória da UFMG estão levando em conta os impactos culturais e a função social da informação em seu trabalho cotidiano de divulgação.

Palavras-chave: Centros de Memória. Informação. Ciência da Informação. Memória.

1 Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI da UFMG

2 Professor do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UFMG. Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica - RJ (1982), mestrado pela Universidade de São Paulo (1988), doutorado pela Universidade de Paris IV - Sorbonne (1993) e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2005).

Abstract: *This article, developed through literature and documental research, research sites, folders, documents and several visits to the memory centers of UFMG, presents a theoretical overview on the evolution of the concept of information for information science, as well as analysis of how the UFMG memory centers treat this concept and are taking into account aspects such as social role of information and cultural impacts in their work on a daily basis. Additionally, we ask if the memory centers of UFMG are actually memory centers in their design and implementation and it is concluded that: (i) there is a special feature of the experiences of memory centers and this special feature can result from an absence institutional policy to the centers; and (ii) few UFMG memory centers are taking into account the cultural impacts and the social role of information in their daily work of disclosure.*

Keywords: *Memory Centers. Information. Information Science. Memory.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, tem como objetivos: identificar como os centros de memória da UFMG tratam o conceito de informação; se estão levando em conta aspectos como função social da informação e impactos culturais em seu trabalho diário e se os centros de memória da UFMG são realmente centros de memória em sua concepção e aplicação. Parte-se da hipótese de que há uma diversidade na origem, na composição, na trajetória dos centros de memória e na robustez desses centros e que tal diversidade deve ser decorrente da falta de uma política institucional para esses centros de memória. Para realizar essa análise, o artigo está composto de uma revisão (fundamentação teórica) de conceito de informação, ciência de informação e memória e de um quadro comparativo dos centros de memória da UFMG pesquisados, utilizando a tipologia sugerida por Bellotto (2014).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No mundo atual, a informação vem exercendo um papel considerado central. É importante que ocorra a compreensão do tema com clareza, ainda mais quando se observa que o termo ‘informação’, em Ciência da Informação, traz mais uma problemática para a área, que consiste na diversidade de conceitos.

Resumidamente, o conceito de informação pode ser definido a partir de uma evolução que pressupõe três grandes fases, a saber:

- a que durou até os anos 1970, voltada para o conceito físico da informação, isto é, a dimensão material e sensível da informação, cuja ênfase estava na questão dos processos de transporte e transferência da informação;

- a que teve início no final dos anos 1970, voltada para o conceito cognitivo da informação, representado por um índice que busca demonstrar o quanto modificou o estado de conhecimento que uma pessoa tinha a respeito de algo (CAPURRO, 2003);

- a que teve início no início da década de 1990, que considera a informação como um fenômeno social; logo, a informação passa a ser dotada de uma dinamicidade, de algo que Capurro (2003) denomina como um processo em construção, que é coletivo, conjunto, resultado da intervenção de inúmeros atores sociais e que tem, em sua essência, uma transitoriedade – em outras palavras, algo que poderia ser dotado de um caráter informativo em um momento pode não o ser mais em outro momento.

Mais do que realizar um apanhado histórico da evolução do conceito, torna-se importante retomar a questão do conceito de informação, porque os conceitos na Ciência são, no dizer de Capurro e Hjørland (2007, p. 149), “construções planejadas para desempenhar um papel” e, dentro dessa concepção, é preciso que haja uma clareza quanto ao termo para que sua utilidade possa atingir um ponto ótimo de compreensão; o que, conseqüentemente, pode aumentar a eficiência do uso da ferramenta – considerada pelos autores como os diversos significados que são dados a cada termo usado.

Essa diversidade conceitual é considerada caótica por Schrader (1983), em citação de Capurro e Hjørland (2007), e esse caos não é benéfico para a área, bem como também não o é o uso das chamadas definições persuasivas, que pouco contribuem para auxiliar a Ciência da Informação na resolução dos problemas a que se destina ou se propõe.

Dois pontos são fundamentais na compreensão do conceito de informação que, segundo Capurro e Hjørland (2007), necessitam de uma abordagem multidisciplinar, dado que o significado em si vai além do próprio conceito, pois apresenta uma relação com outros termos que são básicos em Ciência da Informação, tais como textos, conhecimento e documentos. Portanto, cabe destacar os dois pontos em questão: a relevância e a interpretação. Por relevância, entende-se o “o processo de transformação do conhecimento” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 150); enquanto a interpretação permite a avaliação de distintas perspectivas, envolvendo subjetividade e objetividade. Relevância e interpretação permitem, dessa forma, que se possa compreender a informação em sua estrutura mais ampla, que envolve um aspecto social e o que os autores, citando Braman, 1989, denominam de ‘natureza teleológica’, ou seja, os fins ou desígnios, “dos sistemas e serviços de informação” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 151).

Retomando, então, o ponto da conceituação sobre informação, pode-se identificar, historicamente, a seguinte evolução que recebeu o impacto de diferentes visões de mundo,

que foram sendo construídas ao longo do tempo. Cabe ressaltar que não se pretende, aqui, exaurir as diversas definições de informação, pois tal abordagem não é a proposta deste artigo; apenas será apresentado um breve apanhado que permite identificar o deslocamento do conceito de informação, passando de uma visão material para uma visão mais abrangente e multifacetada, conforme apresentado no quadro a seguir. Essa evolução permite que se identifiquem alguns pontos-chaves que trarão a definição de informação atrelada às duas palavras apresentadas anteriormente – ou seja, relevância e interpretação.

QUADRO 1 – A evolução do conceito de informação

Data	Ideias centrais de conceito sobre informação
70-19 a.C. – séc. VIII e até a Idade Média	Envolvia dois contextos – um tangível, o ato de dar forma a algo, e o intangível, que envolvia as chamadas representações do que estava impresso na mente (alma) do indivíduo antes de qualquer experiência sensorial.
Séc. XIV	Informação: está associada à “formação ou modelagem da mente ou do caráter, treinamento, instrução ensino” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 157)
Séx. XVII e XVIII	Houve uma mudança significativa no sentido da compreensão do universo como algo ordenado por formas e informação mudou seu contexto de dar forma à matéria para comunicar algo a outra pessoa; havendo, portanto, uma mudança da matéria para a mente. O conceito de informação sai da abstração até chegar ao século XX, com a teoria da informação.
Época Contemporânea	A informação sai da estrutura e vai para a essência, deslocando-se da forma, da ideia inicial de ‘moldado por’ para algo mais relacionado à substância, à mente, à consciência. Parte-se da visão inicial que era mais voltada à matéria e seus moldes para um conceito em que há uma relação maior com o conhecimento e essa mudança tem um impacto para o que se considera análise do conceito de informação em Ciência da Informação. Aqui, identifica-se uma tendência que Capurro e Hjørland (2007) chamam de re-humanização do conceito de informação, que significa buscar o aspecto cultural da informação – nessa visão, a informação é um produto que é processado não apenas por seres humanos, mas por todos os seres vivos e por sistemas.

Fonte: elaboração própria, com base em Capurro; Hjørland (2007).

Assim, pode-se concluir que a conceituação de informação, para a área de Ciência da Informação, reside basicamente na relação indivíduo-conhecimento, dado que, para Capurro e Hjørland (2007, p. 155), “informação é o que é informativo para uma determinada pessoa”; logo, o caráter subjetivo aqui está presente e deve ser considerado, pois haverá uma variação do que é compreensível para cada pessoa, visto que a informação dependerá “das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 155). Novamente, encontram-se aqui as duas palavras que são a base desse conceito: relevância e interpretação. Logo, a informação é dotada de um caráter não absoluto, isto é, ela é muito ampla e multifacetada em sua essência. Para a Ciência da Informação, o conceito de

informação deve levar em conta essa complexidade e, de forma a tornar-se eficiente, exige a delimitação de alguns pontos, visto que, considerando-se a definição do parágrafo acima, e segundo Capurro e Hjørland (2007), informação, embora possa ser abrangente ao extremo, deve ter sua definição atrelada às necessidades do público que se busca atender. Ou seja. “Informação é o que pode responder questões importantes relacionadas às atividades do grupo-alvo. (CAPURRO, HJORLAND, 2007, p. 187).” Logo, a questão da interpretação deve ser imperativa nos processos de informação e, conforme apresentado a seguir, é importante identificar se os Centros de Memória estão levando em conta, em seu trabalho cotidiano, os impactos culturais e a função social da informação.

Memória

Entre os teóricos dedicados ao estudo da memória, Halbwachs foi o primeiro a utilizar o termo “*memória coletiva*”, ao pensar a memória em uma dimensão que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são somente suas e que as lembranças não podem ser apartadas da sociedade. Pierre Nora (1993) ressalta que os arquivos, as bibliotecas, os museus e os monumentos constituem-se como lugares da memória.

A Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, disciplinas dedicadas aos acervos e às técnicas de tratamento das ‘instituições que conservam os registros da memória’ - com objetivo de organizar e disponibilizar a informação para a sociedade – são, em parte, tributárias dessa conceituação. Contudo, as pesquisas realizadas por Oliveira e Rodrigues (2009) demonstram que na literatura brasileira da área, produzida até a década de 1990, não havia uma preocupação direta dos pesquisadores com a temática memória.

As raízes teóricas da Ciência da Informação, baseadas nos trabalhos de Paul Otlet e Vannevar Bush³, podem conduzir novos estudos sobre este tema. Em relação a essa questão, Oliveira (2010) esclarece que apesar de nos referidos estudos não ser explícita a menção à ideia de formação e conservação de uma memória do conhecimento, a referência a seu acesso pode ser vista em sua proposta de recuperação de seus conteúdos. Igualmente relevante é a proposta de Vannevar Bush, ao criar um mecanismo artificial como a memória humana - o MEMEX, voltado para armazenar e recuperar documentos por meio de associação de palavras. As abordagens sobre memória na Ciência da Informação são relacionadas à memória

³Otlet criou a Classificação Decimal Universal, um dos exemplos mais proeminentes de documentação facetada. Escreveu diversos ensaios sobre a forma de recolher e organizar o mundo do conhecimento, culminando em dois livros, o *Traité de documentation* (1934) e *Monde: Essai d’universalisme* (1935). [Vannevar Bush](#) publicou o artigo “[As We May Think](#)” no volume de julho de 1945 do [The Atlantic Monthly](#)³, apontando os problemas decorrentes do volume e do valor da informação liberada após a segunda Guerra Mundial.

humana, artificial ou social e têm na informação o atrator por excelência (Oliveira e Rodrigues, 2011, p. 325).

Centro de Memória- afinal que instituição é essa?

Os centros de memória são entidades híbridas que reúnem documentos de arquivo, coleções bibliográficas e objetos museológicos. Geralmente, estes espaços são criados quando as instituições percebem a importância do registro e preservação da memória para seu crescimento, tornando-se locais responsáveis por tratar, preservar e disponibilizar a memória institucional. (BELLOTO, 1991; PIMENTEL, 2005; MARQUES, 2007; CARNEIRO, 2013).

Camargo e Goulart (2015), por sua vez, reforçam que os centros de memória representam, no mundo atual, um recurso estratégico para as organizações por meio dos produtos diversos, da prática e das habilidades que foram acumuladas pelos membros de determinada organização e, portanto, devem estar representados de uma forma que possibilite o uso imediato da informação de que dispõem. Os centros de memória devem, em resumo, refletir as modificações que ocorreram no mundo atual, no qual se vive na sociedade do conhecimento, muito além da sociedade da informação e da comunicação, que eram as sociedades que imperavam nas décadas passadas. Seu cerne é a busca da preservação cultural e identitária das organizações.

Os centros de memória, conforme Bicalho (2013, p.1), “são organizações criadas para serem locais de preservação da memória de uma determinada comunidade.”. No caso das universidades, Bicalho (2013, p.1) ressalta que os centros de memória “têm sido cada vez mais comuns e, nesse contexto, referem-se a memórias de comunidades acadêmicas caracterizadas por suas áreas de conhecimento e atuação específicas.” Seus objetivos são, em geral, a busca do resgate da identidade cultural e seu fortalecimento. Para Bicalho (2013, p.1), “Esses espaços costumam retratar a diversidade dos olhares, a partir de pontos de vista particulares com os quais cada área de conhecimento construiu sua cultura.”

Os centros de memória são, muitas vezes, espaços que integram “importantes repositórios de material arquivístico, bibliográfico e museológico que, normalmente, é disponibilizado para fruição e para realização de consultas e pesquisas acadêmico-científicas” (BICALHO, 2013, p.1). Conforme Marques (2007, p. 34), “este tipo de unidade de informação garante à instituição e aos pesquisadores a possibilidade de potencializar as pesquisas referentes à instituição e a relação desta com a sociedade”. De acordo com Borrego e Modenesi (2013, p.216), o centro de memória é: “(...) uma unidade de trabalho que, para cumprir sua função, armazena, produz e gerencia informações e documentos” e que busca, de

por meio do uso de diversas ferramentas de tecnologia, “suportar os processos de trabalho, a administração do acervo, a publicação de conteúdo e a gestão do conhecimento.”

O centro de memória, portanto, é um tipo de unidade de informação que apoia a instituição, oferecendo aos usuários pesquisadores a condição de fomentar pesquisas relativas à memória da instituição e sua relação com a sociedade. Para Marques (2007), o centro de memória se assemelha ao museu e ao centro de documentação, mas “seus objetivos vão além de informar e instruir, eles têm como objetivo provar, resgatar a memória, e principalmente, interagir com a sociedade” (MARQUES, 2007, p.34).

Os acervos dos centros de memória apresentam características que diferenciam de outras unidades de informação, pois seus acervos documentais são compostos por coleções e documentos diversos, unidos pelo assunto, tendo como usuários principalmente o público pesquisador. Desse modo, seu acervo pode reunir diversos tipos de documentos, sejam eles arquivísticos, bibliográficos ou museológicos, com objetivo da preservação da memória institucional (BELLOTO, 1991). Zélia Silva (1999), em seu livro *Arquivos, patrimônio e memória*, expõe as dimensões da memória coletiva, como, por exemplo, a preservação dos acervos documentais e a disponibilização das informações ao usuário. Por isso mesmo, é comum os centros de memória possuírem um caráter histórico e apresentarem como característica fundamental a proposta de trabalho que envolve a reunião, a preservação e a organização de: 1) arquivos e coleções (geralmente compostos de documentos originais, reunidos por assunto); 2) conjuntos documentais diversos (de natureza bibliográfica ou museológicas, originais ou cópia) reunidos sob o critério do valor histórico e informativo, em torno de temas ou de períodos da história (SILVA, 1999, p. 50). Segundo Câmara (2012, p.6), esses centros, como as bibliotecas, museus e arquivos, possuem essas características próprias de lugares de informação, porque a memória institucional: “está fundamentada nas rotinas administrativas e relacionada com os aspectos históricos da organização.” Para o mesmo autor, “Os documentos de valor histórico devem ser preservados em prol de leituras e releituras de contexto sócio, econômico, político e cultural.” Câmara (2012, p.6).

No Brasil, os centros de memória surgiram nas instituições privadas e públicas na década de 1960, tendo como foco principal a preocupação com a preservação documental e com a organização das informações dessas instituições (BICALHO, 2013, p.5). Os centros se constituem como: “(...) setores responsáveis pela definição e aplicação de uma política sistemática de (...) avaliação, tratamento técnico e divulgação de acervos e (...) serviços de disseminação do conhecimento acumulado pela empresa e de fontes de interesse histórico” (GAGETE; TOTINI, 2004, p.124).

De acordo com Borrego e Modenesi (2013, p.213-216), a gestão informacional e documentária nos centros de memória pressupõe a avaliação, a análise e a classificação dos documentos de valor histórico que compõem os acervos. Os gêneros documentais que compõem os acervos desses centros são:

Arquivo audiovisual; Arquivo de imagens; Arquivo textual permanente; Banco de depoimentos (em áudio e/ou vídeo); Acervo bibliográfico; Acervo museológico; Acervo de referência documental e virtual (fontes referenciais, inclusive em suporte eletrônico); Coleções (documentos que atestam aspectos particulares, relacionados às linhas temáticas principais, provenientes de diferentes origens). (BORREGO E MODENESI, 2013, p.213-214).

Segundo Marques (2007), a natureza do acervo do centro de memória é heterogênea, como de um centro de documentação, pois, tendo como objetivo a preservação da memória e a pesquisa histórica, os centros de memória apresentam diferentes tipos de acervos, conforme Tessitore (2003, p. 18) identifica:

Fundos de arquivo: conjuntos de documentos acumulados no exercício das funções de entidades ou pessoas (...). **Coleções:** conjuntos de documentos reunidos, de forma artificial, em torno de temas, funções, entidades, pessoas ou até mesmo de um tipo ou gênero de documento. **Material hemerográfico:** jornais, revistas e boletins. **Material bibliográfico:** livros, teses e folhetos. **Objetos tridimensionais:** de acordo com a área do Centro. **Bancos de dados:** sobre temas específicos, referências sobre as atividades e o acervo de entidades afins.

Marques (2007), porém, relata que apesar de centros de memória e centros de documentação apresentarem acervos de natureza semelhante, a diferença está na finalidade e no público a ser atendido por essas instituições. O centro de documentação procura servir de apoio à pesquisa da instituição, suprimindo apenas as necessidades primárias daquela, já os centros de memória têm um caráter histórico porque enfatizam tudo o que possui um sentido histórico (publicações, objetos, depoimentos, informações históricas, fotografias etc.).

Além da responsabilidade do acervo, o centro de memória tem que manter sua infraestrutura, a qualificação dos recursos humanos, zelar pelo atendimento dos usuários e disponibilizar serviços de informação com ferramentas tecnológicas. Por conseguinte, os profissionais que atuam nesses centros são geralmente: pesquisadores, historiadores, arquivistas, bibliotecários e administradores.

Para Marques (2007, p.36), a informação em um centro de memória “transcende a sua natureza administrativa e institucional, agregando-se a ela um valor cultural e histórico que não restringe só ao órgão a que o centro é vinculado”. Como afirma Camargo (1999, p.50), no centro de memória “trabalha-se, portanto, com *informação especializada*”. Essa última dimensão é importante de ser sublinhada, pois significa que os centros de memória não suprimem a necessidade de arquivos, bibliotecas e museus. No caso dos arquivos, por exemplo, os centros de memória não desempenham as atividades previstas na gestão

documental (não tem base legal para avaliação e eliminação de documentos institucionais desprovidos de valor probatório ou informativo).

Observa-se que as instituições memórias diferem quanto ao tipo de documento que guardam e quanto aos procedimentos técnicos empregados para organizar e descrever seus acervos.

3 CENTROS DE MEMÓRIA DA UFMG

A UFMG surgiu da união das seguintes Escolas Superiores isoladas de Minas Gerais, que já existiam em Belo Horizonte: a [Faculdade de Direito](#) (criada em [1882](#) em [Ouro Preto](#) e transferida para a atual capital em [1898](#)), a [Escola Livre de Odontologia](#) e Farmácia ([1907](#)), a [Faculdade de Medicina](#) ([1911](#)) e a [Escola de Engenharia](#) ([1911](#)). Em 1927, essas escolas superiores compuseram a então Universidade de Minas Gerais – UMG, uma instituição privada e subsidiada pelo Estado. (CORRÊA e GUSMÃO, 1997).

A UMG foi federalizada em 1949, mas somente em 1965 adotou o nome de Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, incorporando uma vasta extensão de terra na região da Pampulha, onde hoje é localizado o seu *campus* principal. Na época da federalização estavam integradas as seguintes outras faculdades: a Escola de Arquitetura e as faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas. Depois, como parte de sua expansão e diversificação, a Universidade incorporou e criou novas unidades e cursos. Surgiram então, sucessivamente, a Escola de Enfermagem (1950), a Escola de Veterinária (1961), o Conservatório Mineiro de Música (1962) e as escolas de Biblioteconomia (1962), Belas-Artes (1963) e Educação Física (1969). Apesar de federalizada desde 1949, o campus Pampulha só começou a ser efetivamente ocupado pela comunidade universitária nos anos 60, com o início da construção dos prédios que abrigam a maioria das unidades acadêmicas de hoje. (CORRÊA e GUSMÃO, 1997)

Ao longo de sua história e trajetória, a UFMG foi marcada pela busca contínua de padrões crescentes de excelência e de relevância no ensino, na pesquisa e na extensão, sendo apontada pelos sistemas de avaliação do ensino superior no Brasil como uma das melhores Universidades do País, além de estar inserida no cenário universitário internacional e exibir índices significativos nos mais diversos indicadores acadêmicos. (CORRÊA e GUSMÃO, 1997). A UFMG é composta de 20 Unidades Acadêmicas, e somente 11 delas possuem um centro de memória ou centro de documentação e memória, que, em sua maioria, são vinculados à própria unidade acadêmica.

No intuito de manter viva a memória de seu percurso no tempo, em 2001 a UFMG criou a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura-RMECC, que agregou o conjunto das suas instituições dedicadas a esta área. Com a criação dessa rede, buscou-se somar esforços, otimizar recursos, encontrar soluções para problemas comuns, definir estratégias, planejar ações conjuntas, ampliar o intercâmbio com o público e agir de forma solidária, preservando a identidade, as características e a missão de cada espaço que a compõe. (UFMG, 2014).

A RMECC da UFMG está inserida em um contexto nacional mais amplo, participando do Sistema Brasileiro de Museus e do Fórum Nacional de Museus Universitários. Ao longo de sua existência têm sido desenvolvidas inúmeras atividades e cumpridas muitas metas importantes que contribuíram para sua consolidação, enquanto espaço de integração de conhecimento, aberto a novas conexões. Dentre essas atividades, destacam-se a promoção e a participação em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, apresentando resultados de trabalhos, expondo e divulgando o acervo de seus espaços, fazendo parte de mesas redondas em encontros, seminários, congressos, divulgando a Universidade Federal de Minas Gerais e a própria REDE.

Em relação às metas atingidas pela RMECC da UFMG, as mais importantes referem-se à ampliação do público atendido por cada um dos seus espaços, contabilizando no total cerca de 180 mil visitantes/ano, assim como o desenvolvimento de projetos de divulgação dos espaços integrantes e a participação rotineiramente em editais abertos por agências de fomento às atividades museais e de museografia. Cabe ainda destacar o trabalho de extensão e de pesquisa, pois propiciam a expansão das atividades da RMECC.

Atualmente, os espaços contam com dezenas de professores pesquisadores associado - internos e externos à UFMG – e neles colaboram inúmeros alunos de pós-graduação (mestrandos e doutorandos). Em vários desses espaços são ministrados seminários, palestras, conferências e cursos, como o de formação de mediadores/monitores, e muitos deles passaram a sediar novas disciplinas de graduação. Os diversos espaços da RMECC também cresceram individualmente, melhorando sua infraestrutura, assim como gerando e administrando recursos significativos e ampliando as pesquisas em desenvolvimento. No conjunto, os espaços captaram e administraram recursos, advindos de órgãos de fomento, através de editais e/ou através de projetos específicos - apoiados pelo IPHAN, MCT, BNDES, CNPq e FAPEMIG -, que permitiram a ampliação e melhoria do atendimento ao público, além do atendimento a públicos especiais.

A RMECC é formada por dezesseis espaços, que são: os museus de Ciências Morfológicas, de História Natural e Jardim Botânico, Espaço Tim-UFMG do Conhecimento, Casa Padre Toledo e o da Escola de Arquitetura e Urbanismo; os centros de memória da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Odontologia, da Faculdade de Veterinária, da Escola de Enfermagem, da Escola de Engenharia, da Escola de Farmácia e da Escola de Educação Física; os centros de referência em Cartografia Histórica e o de Patrimônio Geológico; a Estação Ecológica; e o Centro Cultural e o seu Museu Vivo-Memória Gráfica.

Conforme relatado anteriormente, foram identificadas 11 unidades acadêmicas que possuem espaços dedicados à memória, assim definidos como “centros de memória e ou centros de memória e documentação”, dos quais sete fazem parte da RMECC.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa na internet para verificar se os referidos centros de memória possuem *sites* e quais as informações são disponíveis para o usuário na *Web*. Para tanto, o *google* foi utilizado como mecanismo de busca e, ao final da pesquisa, os resultados obtidos foram que dos 11 centros de memória da UFMG, apenas três são mencionados nos *sites das* unidades acadêmicas ao qual são vinculados (CEMEMOR – Faculdade de Medicina; CEMENF – Escola de Enfermagem; Centro de Memória da Odontologia – Faculdade de Odontologia; e um, o CEMEF, vinculado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, possui *site* próprio⁴. Cumpre destacar que o Centro de Memória da Farmácia possui sua divulgação na *Web* somente por meio do *facebook*.

Com o objetivo de identificar mais elementos de compreensão da estrutura e do *modus operandi* desses 11 centros de memória da UFMG, buscou-se também pesquisar em outras unidades de informação, cujos resultados serão sintetizados a seguir.

5 OS CENTROS DE MEMÓRIA DA UFMG SÃO CENTROS DE MEMÓRIA?

A pergunta acima só aparentemente é desprovida de sentido. Conforme se constatou na pesquisa realizada e consolidada em dissertação de mestrado (Centros de memória acadêmicos: um estudo de multicasos na UFMG), cada centro de memória da UFMG tem origem, composição e trajetória institucional específica. Esse conjunto multifacetado gera um quadro diversificado de experiências e de projetos memoriais. A partir da tipologia da Bellotto (2014), empreende-se a classificação das unidades de informação estudadas no quadro resumo a seguir.

⁴ *Links*, respectivamente: CEMEMOR - www.medicina.ufmg.br/cememor; CEMEF - www.cemenf.eeffto.ufmg.br; CEMENF - www.enf.ufmg.br/centrodememoria; Centro de Memória da Odontologia - <http://www.odonto.ufmg.br/index.php/centro-de-memoria/registros-historicos>

QUADRO 2 - Características das Instituições Memórias: Acervo e tipo de documentação

CM DA UFMG	BIBLIOTECA	ARQUIVO	MUSEU	CENTRO DE MEMÓRIA
	Os livros, as revistas ou os chamados ‘multimeios’. Coleção, documentos unidos pelo conteúdo.	Fundos, documentos unidos pela proveniência (origem)	Coleção, documentos unidos pelo conteúdo ou pela função.	Documentos: Representa uma soma das instituições: biblioteca, arquivo e museus.
CEMEMOR - Centro de Memória da Medicina – Faculdade de Medicina	16.000 exemplares. Obras raras de 1685 e 1735 Manuscritos e teses.	Acervo Institucional (atas, livros diplomas, tiro de guerra) e pessoal de ex-professores, como JK e Guimaraes Rosa.	Acervo tridimensional com instrumentos médico cirúrgico das diversas áreas médica. Medicamentos, vasilhames laboratório, e aparelhos de Diagnósticos. Moveis. Exposição permanente	Acervo Fotográfico Acervo de depoimentos Objetos pessoais, painéis, telas, gravuras. Exposições temáticas temporárias. Coleções de CD e fitas cassete. Coleções de negativos de vidro.
Centro de Memória da Engenharia – Escola de Engenharia	Obras raras do Século.	Arquivo somente pessoal do Prof. Hugo Sepúlveda e outros. Não contém documentos institucionais	Acervo grande composto de equipamentos das várias áreas da engenharia: teodolitos, balanças analíticas, régua e etc.	Acervo Fotográfico de originais e não originais.
CEMEF – Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer	Livros, revistas, jornais, filmes.	Fundos institucionais e arquivos pessoais; o acervo arquivístico é o maior do CM.	Objetos tridimensionais (coleção museológica tem poucas peças).	Acervo audiovisual; Acervo Iconográfico; Coleção história oral.
CEMENF – Centro de Memória da Escola Enfermagem	Obras a partir de 1930 e obras recentes sobre a memória da Enf.	Acervo Institucional Escola Carlos Chagas ate 1968. E parte do acervo institucional Enf.	Acervos tridimensionais com peças diversas da área. Exposição permanente	Acervo fotográfico e oral, 02 laboratórios de historia da enfermagem e historia e educação em saúde.
CEMEMO-VET Centro de Memória da Escola de Veterinária	Acervo textual, icnográfico, filmes, áudio visual e sonoro. Livros e materiais didáticos.	Acervo Professores, Periódicos.	Equipamentos e Materiais de laboratório e de atividades de ensino. Exposição permanente	Exposições temáticas temporárias.
CEMEFADI – Centro de Memória da Faculdade de Direito	-	-	-	Centro fechado para reestruturação.
Centro de Memória da Faculdade da Odontologia	Bibliográfico pequeno.	Não.	Acervo com exposição permanente de peças e consultórios odontológicos do início do século.	Concepção do centro é setor de exposição
CEDOC/ FAE – Centro de Documentação, Pesquisa e Memória da Faculdade de Educação	Acervo de obras raras. Acervos provados de Lucia Casa Santa, Alaide Lisboa, Helena Antipoff. Coleções de manuais escolares e literatura infantil em língua portuguesa. Obras raras, teses e dissertações.	Pequeno acervo arquivístico institucional.	Poucas peças: maquina de escrever do início do século, algumas medalhas.	O centro esta localizado nas dependências da Biblioteca da FAE. Todo acervo bibliográfico cadastrados no sistema de biblioteca da UFMG.
CEMEFAR – Centro de Memória da Farmácia	Livros, periódicos, cartilhas. Obras raras e históricas. Acervo de fotografias.	Conjunto de documentos relacionados a historia da farmácia.	Equipamentos farmacêuticos.	Exposição permanente.
Memória Institucional FACE Faculdade de Ciências Econômicas	Acervo bibliográfico.	Pequeno acervo arquivístico institucional.	Acervo exposto na biblioteca da unidade.	Centro de memória vinculado a Biblioteca da FACE, esta fechado para reestruturação.
CM FALE – Centro de Memória da Faculdade de Letras	Acervo Bibliográfico com poucos livros.	Alguns documentos originais e copias de documentos ref. A história da FALE.	Mesa do primeiro reitor Mendes Pimentel e outras peças.	Exposição permanente, que conta a historia da FALE até a chegada ao campus UFMG.

Fonte: elaboração própria, com base na tipologia de Bellotto (2014)

As características apresentadas pelos CMs da UFMG, em relação à tipologia de Bellotto (2014), revelam que os centros de memória são voltados para fins técnicos científico

artísticos, culturais e educativos. Quanto à documentação e ao tipo de suporte, apresentam documentos impressos, cópias, manuscritos, objetos bi/tridimensionais, acervos de bibliotecas, arquivos e museus. Foi possível verificar que, em relação a formação do acervo, os centros registram formas mistas, como doação e compra; assim como observou-se um tratamento técnico misto nos acervos, segundo o gênero do seu material.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Centros de Memória da UFMG apresentam, sim, características que podem classificá-los como tais; em sua concepção e aplicação, pode-se observar que apresentam diversidade no tocante a vários aspectos, como origem, composição e trajetória institucional. No entanto, poucos são os centros que apresentam políticas que levam em conta os impactos culturais de suas atividades, ou a função social da informação no trabalho diário. A informação como um fenômeno social deve considerar a transitoriedade e a dinamicidade que são próprias de um processo que relaciona indivíduo e conhecimento – para cada um, o contato com a informação representará um estado diverso de modificação do conhecimento.

Ademais, pode-se observar que os centros de memória pesquisados, do ponto de vista da conceituação da informação, apresentam diversidade, mas isso não é problematizado teoricamente pelos gestores e nem tem consequências em relação à formação do corpo técnico. Em nosso levantamento, identificamos apenas cinco profissionais da informação (um arquivista, quatro bibliotecários e nenhum museólogo) trabalhando nessas unidades. Também foi observado que os centros de memória demonstram - independentemente de suas diferentes origens e estruturas - o objetivo implícito de preservar a cultura e a identidade, como destacam Camargo e Goulart (2015). Contudo, uma vez mais são necessárias ressalvas frente a essa questão. Nem sempre ficam claras as políticas dessas unidades frente à questão da descrição dos acervos e da elaboração de instrumento de pesquisa, assim como nas suas respectivas promoções de políticas de acesso, como no caso do estabelecimento de salas de consultas ou o acesso remoto aos acervos via internet. Quanto a isso, podemos citar que no período da pesquisa apenas dois centros possuíam sala de consulta e política de descrição de parte do acervo; cabe ainda lembrar que apenas um centro disponibiliza museu virtual com fotos de peças em exposição.

Por fim, essa particularização da experiência verificada nos centros de memória estudadas leva a um conjunto deveras diverso em termos de estrutura, robustez e objetivos, bem como a resultados que os tornam praticamente casos específicos. Pelo exposto, conclui-se ressaltando a importância da criação de uma política institucional para o conjunto da

universidade. Em locais em que essa política institucional existe, pode ser observado que há maior eficiência no que se refere à estruturação e às funções dos centros de memória.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Arquivos, Bibliotecas e Centro de Documentação. *In. Arquivo: Estudo e Reflexões*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2014. p. 29-47.

BICALHO, Lucinéia Maria. Centro de Memória da Farmácia da UFMG: uma Experiência interdisciplinar. **XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, ENANCIB. 2013. GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação. 09 p.

BORREGO, Maria Cristina Santos e MODENESI, Simone. Centros de Memória Institucionais: métodos, procedimentos, ferramentas e tecnologia. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 20, 1º sem. 2013. Disponível em: <<periodicos.pucminas.br>> Acessado em 21 nov. 2013.

CÂMARA, Italo Pereira. **Arquivo Geral da Base Aérea de Florianópolis: memória institucional e preservação de documentos históricos, 1970 a 2012**. Florianópolis, 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

CAMARGO, Célia R. Os Centros de Documentação das Universidades: tendências e perspectivas. In SILVA, Zélia Lopes da (org) **Arquivos, Patrimônio e Memória – Trajetórias e Perspectivas**. SP: Ed. UNESP/FAPESP: 1999.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. GOULART, Silvana. **Centros de memória**. Uma proposta de definição. São Paulo. Edições Sesc SP. 2015.112 p.

CARNEIRO, Patrícia Carla Oliveira. **Memória e Patrimônio Científico e Tecnológico: O Centro de Memória da Engenharia**. Dissertação. MG. CEFET. 2013. 109 p. Disponível em <<www.files.scire.net.br/atricio/cefet.../patrcia_carla_oliveira_carneiro.pdf>>. Acesso em 10 fev.2014.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. **V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Belo Horizonte (Brasil) 10 de Novembro de 2003. Tradução de Ana Maria Rezende Cabral, Eduardo Wense Dias, Isis Paim, Ligia Maria Moreira Dumont, Marta Pinheiro Aun e Mônica Erichsen Nassif Borges. Disponível em: <<http://www.capurro.de/enancib_p.htm>>. Acesso em 31 dez.2014.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. Ana Maria Pereira Cardoso (Trad.), Maria da Glória Achtschin Ferreira (trad.), Marco Antônio de Azevedo (Trad.). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n.1, p. 148-207, jan./abr.2007. Disponível em: << <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>>>. Acesso em 31 dez.2014.

CORRÊA, Edison José; GUSMÃO, Sebastião Nataniel Silva. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **85 anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: COOPMED/UFGM, 1997. 206 p.

GAGETE, Élida; TOTINI, Beth. Memória empresarial, uma análise da sua evolução. In: **Memória de empresa: História e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações**. São Paulo: Aberje. 2004.p. 113- 126.

GOMES, Clausi Maria do Porto. **Centros de memória acadêmicos: um estudo de multicase na UFGM**. 2015. 150 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MARQUES. Otacílio Guedes. **Informação Histórica: recuperação e divulgação da memória no poder judiciário brasileiro**. Dissertação. CID. Unb. Brasília, 2007.133fl.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993.

OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 311-328, mar. 2011. Disponível em: <<http://ibict.br/liinc>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

OLIVEIRA, Eliane Braga e RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.3, n.3, p. 216-329, dez. 2009. Disponível em: <<www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/download/>>. Acesso em: 20 out.2013.

OLIVEIRA, Eliane Braga. **O conceito de memória na Ciência da Informação: análise dos programas de pós-graduação no Brasil**. 2010. 196 f. Tese (doutorado) pela Faculdade de Ciência da Informação. UNB. Brasília, 2010. Disponível em: <<repositorio.unb.br/bitstream/10482/7466>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

PIMENTEL, Lucia Gouveia. Museus: Pontes entre Culturas. **Revista Museus Digital**. 2005. Disponível em:<<<http://www.revistamuseu.com.br/18demai/artigos.asp?id=5954>>>. Acesso em 05 jan.2014.

SILVA, Zélia Lopes. **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo:Unesp, 1999.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo de Estado, Imprensa Oficial do Estado. São Paulo. 2003.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS DOS CENTROS DE MEMÓRIA PESQUISADOS:

CEDOC – Centro de Pesquisa, documentação e Memória da FAE. Disponível em: <<<http://www.biblio.fae.ufmg.br/webbiblio/>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CEDOC FAE. *Folders*. 2014. Consulta no local. UFMG, 2014.

CEMEF. Centro de Memória da Educação Física. 2014. Disponível em: <<<http://www.eeffto.ufmg.br/cemef/consulta.html>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CEMEMOR. Centro de Memória da Medicina UFMG. 2014. Disponível em: <<<http://www.medicina.ufmg.br/cememor/index.php>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CEMENF. Centro de Memória da Enfermagem. 2014. Disponível em: <<www.enf.ufmg.br/centrodememoria>> e <<www.ufmg.br/rededemuseus/enfermagem.htm>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Engenharia. 2014. Disponível em: <<<https://www.ufmg.br/rededemuseus/engenharia.htm>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Engenharia. Centenário da Escola de Engenharia. 2014. Disponível em: <<<https://www.eng.ufmg.br/centenario/historia-detalhe.php?id=14>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Engenharia. Facebook da AEAEEUFMG. 2014. Disponível em: <<<https://www.facebook.com/pages/Associa%C3%A7%C3%A3o-dos-Ex-Alunos-da-Escola-de-Engenharia-da-UFMG/173842456148960>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Escola de Veterinária. 2014. Disponível em: <<<http://www.vet.ufmg.br/pesqextensao/projetos/20/>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Escola de Veterinária. Organograma. 2014. Disponível em: <<<http://www.vet.ufmg.br/ARQUIVOS/FCK/file/estrutura-organizacional.pdf>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da FALE. 2014. Disponível em: <<www.cultura.ufmg.br>> e em <<www.ufmg.br/online/arquivos>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da FALE. Vídeo em TV UFMG. 2014. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7_IOMq327HY>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Farmácia. Disponível em: <<www.ufmg.br/rededemuseus/farmacia.htm>> Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Farmácia. Facebook. Disponível em: <<www.facebook.com/cemefar.ufmg>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória da Odontologia. Disponível em: <<<https://www.odonto.ufmg.br/index.php/component/content/category/106-centro-de-memoria>>>. Acesso em 05 jan.2014.

CENTRO de Memória Faculdade de Odontologia. 2014. Disponível em:
<<<https://www.odonto.ufmg.br/index.php/centro-de-memoria>>>. Acesso em 05 jan.2014.

MEMÓRIA Institucional FACE. Disponível em:
<<<http://web.face.ufmg.br/face/portal/institucional/noticias/316-projeto-memoria-face.html>>>
e em << www.face.ufmg.br.>>. Acesso em 05 jan.2014.

REDE Museus UFMG. 2014. Disponível em:
<<<https://www.ufmg.br/rededemuseus/cemef.htm>>> e em
<<http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/1b_4.pdf>>
>. Acesso em 05 jan.2014.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. 2014. Disponível em:
<<<https://www.ufmg.br/>>>. Acesso em 05 jan.2014.